

Geografia do sobrenatural: das memórias aos memoriais

Supernatural geography: from the memory to the memorials

Géographie du surnaturel: des mémoires aux mémoriaux



Carlos Eduardo Santos Maia

Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora -

Minas Gerais - Brasil

carlmaia@uol.com.br

Resumo: Ainda que na história do pensamento geográfico a memória apareça como um tema em construção, nem as dimensões espaciais e temporais, nem o lugar individual ou coletivo, tampouco os aspectos objetivos e subjetivos estão derradeiramente problematizados na geografia brasileira. Neste artigo, enfoco a memória individual e seu uso em memoriais e proponho uma “geografia do sobrenatural”, na qual a memória presentificada é fonte compreensiva de “espaço-tempo”, de “mim” e dos “outros”, e de “oportunidades atuais”. A proposta do texto é sugestiva e provocativa para levar quem está lendo mais a uma reflexão do que ao encontro de algo fechado e pronto. Eu recorro no texto a uma metodologia que combina pesquisa bibliográfica sobre memória, inclusive na produção geográfica contemporânea, com a pesquisa (auto)Biográfica de narrativa de vida. Não há propriamente “conclusões” no texto, pois são colocadas algumas inquietações e questionamentos do autor.

Palavras-chave: Memória individual. Espaço-tempo. Kairós.

Abstract: Although in the history of geography the memory appears as an under-construction theme, the spatial and temporal dimensions, the

individual or collective place, and the objective and subjective aspects are insufficiently problematized in the Brazilian geography. In this paper, I emphasize the individual memory and its use in memorials, as well as I suggest a "Supernatural Geography" in which the present memory is a comprehensive source of "space-time", "me" and "others", and "current opportunities". The proposal of this text is suggestive and provocative, with the objective to lead the reader more to a reflection than to finding something closed and ready. I use in the text a methodology that combines bibliographic research on memory, including contemporary geographical production, and, to a lesser extent, (self)Biographical research with a life narrative. There are no "conclusions" in the text, as some concerns and questions from the author are placed.

Keywords: Individual memory. Space-time. Kairós.

Résumé: Alors que dans l'histoire de la pensée géographique la mémoire apparaît comme un thème en construction, ni les dimensions spatiales et temporelles, ni la place individuelle ou collective, ni les aspects objectifs et subjectifs ne sont problématisés suffisamment dans la géographie brésilienne. Dans cet article je souligne la mémoire individuelle et son usage dans les mémoriaux, et je propose une "Géographie du surnaturel" dans laquelle la mémoire individuelle présentifiée est une source compréhensive de l'"espace-temps", de "moi-même" et des "autres", et des "opportunités actuelles". La proposition du texte est suggestive et provocatrice, pour amener ceux qui lisent plus à une réflexion qu'à trouver quelque chose de fermé et de prêt. J'utilise dans le texte une méthodologie qui combine la recherche bibliographique sur la mémoire, y compris la production géographique contemporaine, et, dans une moindre mesure, la recherche (auto)Biographique avec récit de vie. Il n'y a pas de "conclusions" dans le texte, mais certaines préoccupations ainsi que des questions de l'auteur sont placées.

Mots-clés: Mémoire individuelle. Espace-temps. Kairós.

Principium

De que são feitos os dias?
– De pequenos desejos,
vagarosas saudades,
silenciosas lembranças.

Entre mágoas sombrias,
momentâneos lampejos:
vagas felicidades,
inactuais esperanças.

De loucuras, de crimes,
de pecados, de glórias
– do medo que encadeia
todas essas mudanças.

Dentro deles vivemos,
dentro deles choramos,
em duros desenlaces
e em sinistras alianças...

(Cecília Meireles)

Escolhi o poema da epígrafe como janela que se abre com vista para o horizonte da memória, horizonte esse algumas vezes claro e límpido, em outras obnubilado e brumoso, pois na minha memória há “lembranças”, saudades, lampejos, esperanças, mudanças, alianças... Compreendo a memória como aquele domínio em que vozes se pronunciam ou se calam, recortes e costuras são realizadas ou rasgadas, identidades e alteridades são forjadas ou perdidas. Inspiração de contos, romances, poemas, músicas, pinturas..., “objeto” de investigação em diversos ramos científicos, a memória se coloca de modo incontornável à reflexão. Mas a memória interessa aos/às geógrafos/geógrafas? Por que me aventurar num tema com ampla tradição de pesquisa nos campos da História, da Psicologia, da Psiquiatria etc.? Qual o sentido de, como geógrafo, olhar para este horizonte? O que na Geografia tem-se dito sobre a memória? Essas são perguntas bastante amplas e complexas e não estou certo se conseguirei respondê-las ao longo deste curto texto, tampouco é esta a minha intenção, que é muito mais provocativa do que responsiva. Nesta parte introdutória, porém, julgo salutar tomar essa última pergunta. Faço isto a partir de memórias do que li antanho sobre memórias

em quatro geógrafos, os quais reli para compor este texto: Maurício de Almeida Abreu, Paul Claval, Georges Hardy e Owain Jones.

O que logo me foi dado à memória de maneira imediata a partir de “experiências cotidianas passadas” repletas daquelas “texturas espaciais e registros afetivos” mencionados por Jones (2011) foram as brilhantes aulas e conversas sobre Geografia Histórica que tive com o professor Maurício de Almeida Abreu à época dos meus cursos de mestrado e doutorado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando dialogávamos sobre memória individual e memória coletiva – assunto que originou a publicação de seu artigo Sobre a memória das cidades (1998). Naquelas aulas e conversas, Maurício de Almeida Abreu, ocupado com “o passado dos lugares”, salientava que, pela memória individual, podia-se recuperar a memória dos lugares (das cidades), mas havia restrições. No seu artigo, de modo mais específico, registra que esta (a memória individual) produz localizações “fluidas” ou “deformadas” e que tais “distorções entre o 'espaço real' e o 'espaço da memória' podem ser riquíssimas para um trabalho de geografia comportamental, ou mesmo para trabalhos de geografia humanística”, porém, em se tratando de memórias das cidades, “a ancoragem tem que ser objetiva” (ABREU, 1998, p. 11-12). Baseado em Halbwachs, Abreu (1998, p. 13) adverte que isso é superado na “ancoragem objetiva das memórias compartilhadas”, ou seja, “na memória coletiva” perenizada “muito mais em registros, em documentos, do que em formas materiais inscritas na paisagem” (p. 13).

As lembranças que tive de Maurício de Almeida Abreu (conversas, aulas e texto) de maneira bastante impulsiva direcionaram-me ainda, agora num processo de escavação reminescente e aleatório, para Claval (1999) que, sem se contrapor a Maurício de Almeida Abreu, acentua a “memória viva subjetiva” como fundamental aos estudos culturais com suas palavras e imagens.

Conscientemente, a partir do que me propus a discutir neste texto, minha memória conduziu-me ainda ao livro A geografia psicológica (1939), de Georges Hardy, trabalho que eu já estudei para outra publicação. Ainda que pese a sua visão de mundo colonialista, nesta obra, Hardy (1939, p. 117, tradução do autor) indica rapidamente a memória na qualidade de hábito intelectual que é a base da “ciência” entre os “povos atrasados”, para os quais, a seu ver, “aprender não é compreender, é reter”, observando ainda que a memória “exerce sobre as demais faculdades

[intelectuais] algo como um poder de inibição”.¹

Acerca deste debate sobre subjetividade/objetividade-coletividade/individualidade emergiram-me ainda memórias dos artigos *Geography, Memory and Non-Representational Geographies* (2011) e *Not Promising a Landfall...: An Autotopographical Account of Loss of Place, Memory and Landscape* (2015), de Owain Jones, os quais eu utilizara nas minhas aulas da disciplina de Geografia Cultural para contextualizar geografias não representacionais. Particularmente interessaram-me nestes artigos suas investidas sobre a memória como enlace do presente com o ausente; como fonte de interpretação dos lugares e paisagens; bem como a defesa que faz da validade geográfica de investigações autotopológicas e autotopográficas, além da geografia de vida própria efetivamente como estudo de caso.

Enfim, estas memórias individuais que trago rapidamente demonstram que a memória já foi tratada em diversas tendências geográficas contemporâneas e “passadas”, com diversos feixes de intenções. Isto só enfatiza a necessidade de que mais discussões teóricas e pesquisas empíricas sejam realizadas por pesquisadores/pesquisadoras desta ciência, seja no plano individual ou coletivo, da Geografia Representacional ou Não Representacional (tendências mais contemporâneas de estudo), da objetividade ou da subjetividade. Neste texto, procuro contribuir com isso discutindo, de certa maneira, a memória como lugar arquetípico, mas também como as memórias individuais têm sido expostas mais recorrentemente na academia, ou seja, nos memoriais.

O texto é escrito em primeira pessoa, ao contrário do que recomendam as regras acadêmicas, por uma questão lógica-metodológica-discursiva (estilo redacional seguido por outras produções realizadas por geógrafas/geógrafos que partem de suas memórias individuais) e não se respalda em pesquisa empírica, mas sim em compreensões e interpretações conceituais.

A narrativa utilizada na introdução deste texto, na qual recuperei Maurício de Almeida Abreu, Georges Hardy, Owain Jones..., já expressa a utilização de pesquisa bibliográfica e (auto)Biográfica, estando a última embasada naquela “viagem introspectiva” em que se faz uma “escavação a fim de examinar as diversas camadas geológicas que foram se acumulando ao longo da história individual para conformar uma determinada subjetividade” (SIBILIA, 2004, p. 3). Sendo esta uma pesquisa

(auto)Biográfica, o texto possui uma intencionalidade comunicacional, “porque a biografia é uma micro-relação social” (BUENO, 2002, p. 20), advertindo-se que as narrativas (auto)Biográficas “explicitam com toda a força a subjetividade do sujeito” (p. 19) e, paralelamente, trazem uma “descrição de momentos significativos na vida do indivíduo, assim como suas relações pessoais, acadêmicas e profissionais” (ALVES, 2015, p. 4).

Entre Μνημοσυνη e Λήθη

A memória não é um porto seguro, mas um cais atingido por tormentas, podendo ser danificada, corrompida, traumatizada. Jones (2011, 2015) nota que as práticas cotidianas atuais alteram as memórias e estas, por sua vez, orientam tanto performances como inações no presente. Novos significados atribuídos à memória pelas performances presentes colonizam um passado recomposto; já o passado retribui com presentificações memoriais criativas e complexas que atravessam o espaço-tempo. Ainda que a presentificação no espaço-tempo tenha na memória um de seus campos de possibilidades como elemento fundante, mesmo entre aqueles/aquelas que se dedicam à geografia não representacional falta enredar a memória “nas práticas afetivas e performativas da vida cotidiana, de modo que possam abordar as ecologias complexas da memória (e do esquecimento)” ²(JONES, 2011, p. 876, tradução do autor).

Memórias coletivas e individuais importam na constituição dos sujeitos, dos agrupamentos, das culturas, dos espaços-tempos. Mas, de acordo com Jones (2011), na Geografia tem-se tratado da imaginação, do afeto, da emoção, da consciência, do pensamento, da linguagem e do corpo como temas mais sublimes, relegando-se a memória (e, a meu ver, o esquecimento) que, quando muito, aparece como uma presença fantasmagórica nestas “geografias do momento”³(p. 876) e da atualidade como um evento puro.

Talvez a memória adentre nestas “geografias do momento” amiúde como uma presença espectral em virtude de uma visão temporal cronológico-diacrônico-restritiva definida entre presente (agora)-passado (memória). Todavia, eu tomo aqui a memória como fonte (compreensiva, prática, performática etc.) espaço-temporal-sincro-diacrônica entre presente(memória)-ausente(esquecimento) onde podem brotar processos criativos,

compreensões e performatividades espaciais, o que faço animando os mitos de Μνημοσύνη (Mnemosyne, memória) e Λήθη (Léthe, esquecimento); pois, “o 'passado' é parte integrante do cosmo; explorá-lo é descobrir o que se dissimula nas profundezas do ser. A História que canta Mnemosyne é um deciframento do invisível, uma geografia do sobrenatural” (VERNANT, 1990, p. 143).

Na mitologia grega, a Deusa da memória foi Μνημοσύνη (Mnemosyne), ironicamente uma das mais esquecidas entre as Deusas e Deuses do panteão grego. Mnemosyne era uma Titã, filha de Urano e Gaia e irmã de Crono e de Okeanós. Capaz de saber do passado, presente e futuro, Mnemosyne nomeou as coisas e gerou as nove musas (Calíope, musa da poesia épico-lírica, Clio, musa da história, Érato, musa da poesia romântico-lírica, Euterpe, musa da música, Melpômene, musa da tragédia, Polímnia, musa dos hinos, Terpsicore, musa dos hinos, Thalia, musa da comédia e da poesia idílica, Urânia, musa da astronomia), as quais são fruto das nove noites que teria passado com Zeus. Ressalto que, na mitologia grega, as artes são intrinsecamente relacionadas à memória, às energias do universo, à razão de como viver no mundo e à linguagem. Acerca, desta última, convém observar que “de Mnemosyne viriam as capacidades de lembrar, usar o poder da razão e fazer uso da linguagem; e, portanto, em última análise, a linguagem também estava ligada a ela” (GREEK LEGENDS AND MYTHS, 2018, on-line, tradução do autor)⁴. A importância de Mnemosyne na construção da linguagem (e do discurso) é ressaltada por Crítias, em seu diálogo com Sócrates, ao observar “que quase todos os assuntos do nosso discurso dizem respeito a essa deusa” (PLATÃO, 2011, p. 219-220). Assim, fica aqui uma primeira sugestão: mormente discursamos a partir da memória que se “enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, sendo a memória, como genitora, “a vida, sempre carregada por grupos vivos” (NORA, 1993, p. 9).

Paralelamente ao poder μνημονικός (mnēmōnikós) tem-se a ληθργία (lēthargía) na qualidade de dimensão cosmológica relacionada ao mito de Mnemosyne nesta geografia do sobrenatural que brota à beira de Hades, no submundo. Segundo a mitologia grega, no submundo de Hades o consultante oracular tem a opção de beber das águas da fonte de Léthe (Λήθη) ou de sua paralela, Mnemosyne (Μνημοσύνη).

Ao beber na primeira, ele esquecia tudo da sua vida humana e, semelhante a um morto, entrava no domínio da Noite. Pela água da segunda, ele devia guardar a memória de tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo. À sua volta, ele [o consultante oracular] não se limitava mais ao conhecimento do momento presente; o contato com o além lhe havia trazido a revelação do passado e do futuro.

Esquecimento é pois uma água de morte. Ninguém pode abordar o reino das sombras sem ter bebido nessa fonte, isto é, sem ter perdido a lembrança e a consciência. Ao contrário, Memória aparece como uma fonte de imortalidade... (VERNANT, 1990, p. 144)

Uma geografia do sobrenatural transita-se entre os domínios de Mnemosyne e de Léthe, provando-se das águas destas duas fontes. Trata-se, por um lado, de discursar sobre um mundo anamnésico em que a memória não guarda tudo o que se viu, ouviu, tocou etc., manifestando-se como uma experiência de vida presente que desperta a sensação de “imortalidade”, com aquelas “[...] lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” (NORA, 1993, p. 9). Mas, por outro lado, isso é feito a partir do presente-em-que-se-vive e viver é esquecer grande parte do que já foi vivido, estando “morto” todo o esquecido. Tem-se assim uma Geografia angustiante que desvela fragmentos do que “se foi” como “estando em”, cujo discurso se torna legítimo não pela “objetividade do passado”, jamais recuperada plenamente na memória, mas pela construção discursiva do sujeito-presente. É ainda uma geografia pela qual a memória “[...] não reconstrói o tempo: não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além ao qual retorna tudo o que deixou a luz do sol” (VERNANT, 1990, p. 143). Ressalta-se que “[...] pontes são intensidades de psicogeografias em termos de travessias de um reino a outro e de como elas reúnem paisagens e vidas ao seu redor” (JONES, 2015, p. 9, tradução do autor)⁵. Estão assim presentes numa geografia do sobrenatural de cada sujeito vivo outros sujeitos (vivos e mortos), “seus” lugares, “suas” referências e “seus” contextos buscados através da ponte da memória para voltar “a luz do sol”; pois Mnemosyne confere a regalia do “contato com o outro mundo, a possibilidade de aí entrar e de voltar dele livremente”, mas não impunemente (VERNANT, 1990, p. 143).

Penetrar neste outro mundo e voltar “livremente” é uma

diligência menos de conhecimento do que (re)conhecimento, pois “[...] ao recordar que fiz isto e aquilo vejo-me a mim próprio, por assim dizer, de uma certa distância” (CONNERTON, 1999, p. 30), distância esta estipulada entre o que se bebeu das fontes de Mnemosyne, ou de Léthe. Destarte, “[...] estas manifestações da memória figuram significativamente nas descrições que fazemos de nós próprios, porque a nossa história passada é uma fonte importante da ideia que fazemos de nós próprios” (CONNERTON, 1999, p. 30).

Esclareço que, os “re-conhecimentos”, as “ideias que faço de mim mesmo” e as “recordações” verbalizadas nos parágrafos (auto)Biográficos deste texto jamais se integram numa visão “promocional”; mas recordativa de sujeitos, objetos, imagens e espaços que me marcaram como professor de ensino superior e agora coloco esta (auto)visão “à luz do sol” num daqueles dias em que diversos cumulus vagueiam e insistem em projetar suas sombras.

Das memórias aos memoriais

Apesar de geógrafas e geógrafos representacionais e não representacionais estarem hoje produzindo textos sobre memórias coletivas e individuais, pode-se dizer que, em comparação a outros temas, a produção ainda é modesta, principalmente no que se refere às memórias individuais; notando-se, contudo, sensível crescimento de produção nas pesquisas realizadas no Brasil e, principalmente, no exterior. Na minha prática acadêmica, vejo costumeiramente as memórias individuais destes/destas profissionais tematizadas em dois momentos: em projetos de pesquisa e nos memoriais.

Em disciplinas que ministrei trabalhando com projetos de pesquisa na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado), quando solicitava às/aos discentes que expusessem a “justificativa” dada ao pré-projeto, ou ao projeto, que intencionavam desenvolver, ou àquele já em desenvolvimento junto ao/à orientador/orientadora, eram mencionadas as relevâncias sociais, acadêmicas e científicas, fazendo-se referências a terceiros em infindáveis citações (algumas de textos publicados pelo/pela orientador/orientadora); mas não expunham qualquer justificativa da pesquisa relacionada ao seu “eu”, tampouco recorriam à memória individual, salvo raríssimos

casos entre centenas de estudantes que cursaram tais disciplinas.

Estes raros sujeitos recorriam então, com bastante propriedade, às suas memórias individuais para falar do interesse pelo tema a partir de experiência de vida e daquela relação afetiva e mágica com detalhes confortantes mencionados por Nora (1993, p. 9), tais como: memórias familiares e de infância (geralmente detectando alterações em lugares, paisagens, territórios, etc.) e memórias acadêmicas (neste caso, relacionando ao “presente” o desenvolvimento anterior de monografia, de pesquisa de iniciação científica e de dissertação de mestrado). Havia ainda aqueles/aquelas que mencionavam que a/o orientadora/orientador dizia que isso era desnecessário, ou que era incorreto apresentar “justificativas pessoais” no projeto. Na minha função de provocador, jamais de “dono da verdade”, eu iniciava uma discussão observando que eu, como professor-pesquisador, não conseguia entender um projeto em que a justificativa era feita com nada dito sobre o porquê de este interessar pessoalmente àquele/àquela que pesquisa e havendo “n” citações a quem quer que fosse, mesmo ao/à orientador/orientadora. Ou seja, seria um projectus no qual se supunham avanços científicos, acadêmicos e sociais, mas o pesquisador continuaria no mesmo ponto de partida, recaindo os possíveis avanços “pessoais”, por inferência, sobre aquele/aquela orientador/orientadora laureado/laureada em citações? Ainda de modo provocativo, eu mencionava as proposições dos/das seguintes autores/autoras:

a) Marconi e Lakatos – que de modo categórico verbalizam: “A justificativa [no projeto] não apresenta citações de outros autores” (2017, p. 107) – deve ser um texto autenticamente próprio.

b) Ferrari – que adverte sobre a existência de “condições extra-científicas no planejamento da pesquisa” (e digo no projeto) e o seu comentário de que “O domínio extra-científico do cientista torna-se evidente como forma de engajamento dentro da sociedade em que vive, das necessidades e exigências que é objeto, das aspirações pessoais e ainda da própria exequibilidade da pesquisa” (FERRARI, 1982, p. 204, grifo meu).

c) Fachin – desta autora, de modo mais incisivo, eu salientava o seguinte comentário: “A justificativa envolve aspectos de ordem teórica, quando se faz uma reflexão crítica, e aspectos de ordem pessoal, que englobam o interesse e a finalidade da pesquisa” (FACHIN, 2001, p. 114, grifo meu).

Se as memórias individuais como manancial discursivo eram

secundárias, facultativas, ou mesmo “proibidas” e pingavam em raros daqueles projetos de pesquisa, já nas defesas de memoriais que tenho assistido e participado a fim de se alcançar a promoção para Professor Titular elas são torrenciais. Eis uma grande contradição: aquilo que é negado, recusado e “proibido” em boa parte da vida acadêmica, posto que é tido como antítese da “objetividade” e empecilho ao alcance da “cientificidade” e da “verdade”, se torna o fio condutor para a “consagração na carreira do magistério”, notadamente nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), como cientista respeitável. Mais que isso, nos memoriais ficam de fora, por norma, o execrável plural majestático (a fala por “nós”) e os impessoais discursos narrados em terceira pessoa, pois devem ser

[...] escritos na primeira pessoa do singular, da mesma forma que as cartas, as confissões, os diários e as memórias. Esse gênero de escrita de si expõe as razões do sujeito na sua parcialidade e subjetividade. Trata-se de um gênero que produz um certo grau de desconforto entre os pesquisadores acadêmicos, uma vez que, por razões de ofício, esses aprenderam a escrever na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural, na pretensão de produzir os efeitos de imparcialidade e impessoalidade. (VIEIRA, 2017, p. 292)

Compreendo que um memorial exemplifica aquilo que tenho chamado no texto de “geografia do sobrenatural”, pois percorre as fontes de Μνημοσύνη (Mnemosyne, memória) e Λήθη (Léthe, esquecimento) numa ação performativa-ritualística-presente. A construção do discurso num memorial é relacionada aos poderes de Mnemosyne: lembrar as regras do mundo, os ciclos da vida, o que foi dito e pensado, as pessoas, os lugares, os acertos, os erros etc. Porém, o esquecimento, a água da “morte”, as realidades apagadas pelas águas de Léthe ali igualmente fluem.

Eu também escrevi um memorial recentemente, no qual, algumas vezes, me encontrei utilizando o nefasto plural majestático ou a asséptica “terceira pessoa”. Meu cuidado anamnóstico de linguagem foi principalmente o de não me expressar na qualidade do “eu” como “self fantasioso”, uma vez que “[...] o eu fantasioso pode preencher 'arbitrariamente' suas proteções e antecipações, vazias de qualquer conteúdo [...] Pode, se preferir, interpretar suas 'possibilidades' como dentro de seu alcance” (SCHUTZ, 2015, p. 244, tradução do autor⁶). Assim, meu

memorial estava no plano disto que chamo de “geografia do sobrenatural”, pela qual revisitei lugares “lembrados” e presentificados, mas procurei expressar meu pensamento além daquelas “escritas ilusórias porque impõem uma racionalização arbitrária ao vivido, de modo a produzir um ser uno, coerente e movido, de maneira inabalável, por um propósito de vida” (VIEIRA, 2017, p. 292). De outro modo, a memória me serviu para encarar que nem todas as “possibilidades” que se abriram ao longo de minha vida pude alcançar, tampouco me encerrei em “um” propósito indelével, pois o vivido escapa ao controle de qualquer racionalização arbitrária.

Notei que o memorial se parece com uma navegação pelo rio que brota da fonte de Mnemosyne e corre para a vastidão do mar do “self”. Constrói-se uma ponte na qual se coloca a si mesmo (a redundância aqui é proposital) como se estivesse diante de um espelho “fulgente” e de “profundos abismos”, trazendo-se à tona “riquezas íntimas e segredos” e desvelando-se a alma tal, como é poetado por Baudelaire (2011, p. 24):

Homme libre, toujours tu chériras la mer !
La mer est ton miroir ; tu contemples ton âme
Dans le déroulement infini de sa lame,
Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer.

Tu te plais à plonger au sein de ton image ;
Tu l'embrasses des yeux et des bras, et ton coeur
Se distrait quelquefois de sa propre rumeur
Au bruit de cette plainte indomptable et sauvage.

Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets :
Homme, nul n'a sondé le fond de tes abîmes ;
Ô mer, nul ne connaît tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets !

Et cependant voilà des siècles innombrables
Que vous vous combattez sans pitié ni remord,
Tellement vous aimez le carnage et la mort,
Ô lutteurs éternels, ô frères implacables !
(BAUDELAIRE, 2011, p. 24)

Os memoriais se tornam, assim, materializações desta geografia do sobrenatural, sendo comum aos/às autores/autores içarem velas e navegarem por lugares de infância, pela casa, pelas

escolas e universidades, por paisagens e lugares numa embarcação onde tripulam familiares, parentes, amig(a)os, professor(a)es, e mesmo “opponentes” de modo subliminar. Nas apresentações à banca, além dos “gráficos objetivos de produção”, trazem-se ainda fotos pessoais e aquelas “lembranças telescópicas e particulares”, já faladas, como velas ao sopro das “recordações” e que conduzem o memorial ao seu lugar próprio de narrativa de memória. De todo modo, nos memoriais uma precisa (necessária) navegação pelo rio de Mnemosyne é feita, tendo-se adiante a imprecisão da vida, numa analogia ao que é versificado por Fernando Pessoa:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.
Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
(PESSOA, 2018, on-line)

As memórias individuais transportadas aos memoriais indicariam à/ao sua/seu escritora/escritor, nesta geografia do sobrenatural, um caminho à “eternidade”, de “transcendência à condição mortal”, semelhante àqueles que no Hades conseguem guardar a memória e se tornam Deuses? Ou esta “eternidade” estaria nestes simples registros de “ditos e obras” de alguém que, no futuro será “preciso enterrar”, como instiga Saramago?

Os bons e os maus resultados dos nossos ditos e obras vão-se distribuindo, supõe-se que de uma forma bastante uniforme e equilibrada, por todos os dias do futuro, incluindo aqueles, infindáveis, em que já cá não estaremos para poder comprová-lo, para congratular-nos ou pedir perdão, aliás, há quem diga que isso é que é a imortalidade de que tanto se fala, Será, mas este homem está morto e é preciso enterrá-lo. (SARAMAGO, on-line, 2018)

Digo isto pois assisti a algumas defesas em que a cotidianidade e a prática profissional do/da memorialista foram mitificadas, quase à maneira de uma epopeia homérica, insinuando-se que somente pessoas com tal “transcendência mítica” podem galgar seu lugar “Olimpo” – o que talvez se relacione

com a antiga imagem que permanece na academia como lugar de memória de se chegar a esta titulação por concurso, e não por promoção, numa suposta superação de um estágio de humanidade ao de “divindade”.

Assim como realizei no meu memorial, eu notei em outras defesas reflexões sobre momentos oportunos (e inoportunos), os quais vejo também como dimensões do sobrenatural, pois “[...] se queremos [...] dar à noção de destino pessoal toda a sua amplitude, devemos necessariamente fazer intervir o destino sobrenatural (o que significa que neste ponto saímos deliberadamente de uma análise puramente racional)” (LADRIÈRE, 1979, p. 67). Sair desta “análise racional” é fazer a opção política pela visão, e não pela cegueira; pela temporalidade de Kairós (tempo oportuno, momento da verdade, momento definidor, tempo qualificado), e não de Chronos (tempo medido, devorador, sucessivo, tempo quantificado; apesar de, originalmente, Kairós ser o tempo imperecível, infatigável e eterno), como discuto a seguir.

Καιρός e destino

A ideia de Kairós (καιρός – referência ao deus grego do tempo qualificado e da oportunidade) faz-se aqui relevante porque aclara a relação do destino pessoal ao destino sobrenatural como campos de análise da geografia do sobrenatural que proponho. Há de se ter cuidado com Kairós, pois o momento presente definidor, da efetividade, é também passageiro, podendo chegar e sair num piscar de olhos. Kairós é amiúde relacionado à ocasião vantajosa ou favorável, à suspensão do normal, ao que é conveniente, mas também pode representar um momento perigoso, pois nem toda oportunidade é vantajosa, sendo necessário discerni-la. Nos memoriais, as oportunidades vantajosas (de pesquisa, ensino e extensão) são costumeiramente “lembradas” no espaço-tempo ritualístico de defesa. O Kairós, como tempo presente da oportunidade vantajosa, recobre, segundo Ladrière (1979):

a) “Condição de sensibilização” – relacionada a uma “exata compreensão do curso das coisas” e a “uma predição do que é preciso fazer para ser capaz de agir de maneira efetiva” (LADRIÈRE, 1979, p. 66). O próprio espaço-tempo de defesa do memorial

1979, p. 66). O próprio espaço-tempo de defesa do memorial demonstra isso, colocando em cena aquela contradição que já mencionei anteriormente: a/o memorialista, ao contrário do que lhe foi exigido na maior parte de sua carreira acadêmica, deve fundamentar o discurso na memória individual para agir de modo efetivo, “verdadeiro” e de acordo com o que apresenta por escrito e oralmente no ritual de defesa.

b) “Posição estratégica” – com isso, Ladrière (1979, p. 66) salienta que “[...] não se pode empreender uma ação a partir do nada; ela se enuncia numa situação prévia”. Nos memoriais, isso geralmente aparece quando a/o memorialista situa, no caso de geógrafos e geógrafas, os contextos intelectuais em que foi formado/formada (Geografia Tradicional, Neopositivista, Marxista etc.). O que favoreceu as suas pesquisas e atividades de extensão também exemplificam este elemento “estratégico” de Kairós.

c) “Decisão propriamente dita” – Ladrière (1979, p. 66) nota que, em Kairós, “[...] a decisão de caráter histórico é essencialmente um ato pelo qual o indivíduo se liga e compromete sua vida assumindo plenamente o que é e, simultaneamente, assumindo sua vida e a dos outros”. Nos memoriais, isso é percebido quando se destaca o comprometimento entre “eu” e “outros” nas atividades de ensino, pesquisa e extensão; nas indicações de interatividade das memórias individuais com memórias coletivas e nos pronunciamentos sobre como “escolhas próprias” se deram num dado pano de fundo social.

d) “Efetividade” – conforme observa Ladrière (1979, p. 66-67), a ideia de Kairós aplica-se ao domínio da “vida do espírito”, da “ação política” e da “pesquisa científica”. Entendo que a “efetividade” igualmente aparece nos memoriais de modo qualificado, pois

[...] a decisão só toma o seu verdadeiro alcance quando acompanhada de efetividade; é preciso que gradualmente acarrete outras decisões, que faça nascer um movimento, que suscite uma cadeia de ações, na qual precisamente se fará o acontecimento e se desenhará uma mudança. (LADRIÈRE, 1979, p. 66)

Dessa maneira, é comum nos memoriais comprovar as mudanças provocadas pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas pelo/pela memorialista. No meu caso,

recordo-me de ter falado no memorial sobre o rompimento com a “vida sedentária” que a trajetória acadêmica promove, posto que contribui para que os meus pensamentos se tornem “pensamentos andados”, como atenta Nietzsche (2006, p. 15, grifo do autor): “On ne peut penser et écrire qu'assis [Não se pode pensar e escrever senão sentado] (G. Flaubert). Com isso te pego, niilista! A vida sedentária é justamente o pecado contra o santo espírito. Apenas os pensamentos andados têm valor”. Os “pensamentos 'andados'”, tais como os que exponho neste rápido texto, me retiram daquela nefasta combinação de léthe e érgon que se define como suspensão das atividades vitais e inércia e me aproximam de outros sujeitos conhecidos e desconhecidos (estudantes, orientandos/orientandas, leitores/leitoras, professoras/professores, orientadoras/orientadores etc.) numa rede topo-antropo-lógica (o que pode se constituir num tema interessante de investigação nesta Geografia do sobrenatural).

A mordida de Xpóvoç

Num contexto em que a pandemia de SARS-CoV2 me impõe há dois meses, o distanciamento social, as memórias brotam em profusão: memórias da família, de viagens, de estar com os outros, da “balbúrdia” acadêmica etc. Muitas dessas memórias me trazem argumentos e ideias para esta geografia do sobrenatural; porém, vejo-me confrontado por Chronos (Xpóvoç) como tempo devorador daquilo que necessitaria de muitas linhas para ser adequadamente colocado nesta provocativa e indicativa geografia do sobrenatural. Mas como são boas estas memórias... Memórias de um espaço-tempo brasileiro em que as universidades públicas e a ciência eram apreciadas, e não depreciadas inclusive pelo alto escalão governamental (que papel nós temos, como professores de ensino superior, diante desta “perda de memória” dos antagonistas?). Memórias de quem, ainda adolescente, foi às ruas lutar pelas “diretas já”, fez greves, como estudante e professor, em prol do ensino público, gratuito e de qualidade; alfabetizou crianças; ministrou aulas em todos os níveis e séries de ensino; formou inúmeros professores, diversos mestres e alguns doutores, supervisionou pós-doutorados conseguindo viver dignamente como professor e estudioso de Ciências Humanas, Geografia e Filosofia (que memórias coletivas surgirão moldadas neste projeto excludente e depreciativo da educação e das humanidades?). Memórias de quem, na sua geografia do

sobrenatural, traça e retraça perspectivas acadêmicas a partir de escolhas e oportunidades pelas quais luta para que sejam alcançadas honestamente (o que a substituição de Kairós – Oportunidade – pelos “oportunistas” produz e produzirá na geografia sobrenatural daqueles/daquelas que têm sua “comida, diversão e arte” roubados por estas harpias oportunistas?). Memórias de quem, até recentemente, expunha os pensamentos e eles andavam livremente, sem cerceamentos políticos-ideológicos-fundamentalistas (Que novo “eu mesmo” estou sendo? Como minha rede própria topo-antropo-lógica se constitui com pensamentos “andados” num contexto de cerceamentos? Que memórias terei disto?). Memórias de quem assiste presentificações-memoriais-performáticas de saudosismo da ditadura, com governantes e parcelada população brasileira banalizando a dor, a doença e a morte (Que memórias de lugares, pontes, intensidades psicogeográficas, texturas espaciais e registros afetivos tais indivíduos têm dos “porões”, das ossadas jamais encontradas, dos hospitais e dos cemitérios?). Memórias de quem, assim como o saudoso Aldir Blanc, falecido esta semana, pensa que

A esperança equilibrada
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar

Nota

1. la mémoire : elle joue en rôle de premier plan chez les attardés et elle est à la base de leur conception de la science ; pour eux, apprendre, ce n'est pas comprendre, c'est retenir ; par là même, elle exerce sur les autres facultés quelque chose comme un pouvoir d'inhibition ;
2. [...] in the affective, performative practices of everyday life, in ways which can address the complex ecologies of memory (and forgetting) [...]
3. geographies on the moment.
4. From Menmoysne would come the ability to remember, to use power of reason and to make use of language; and therefore ultimately speech was also connected with her.

5. Bridges are intensities of psychogeographies in terms of crossings from one realm to another, and in how they gather landscapes and lives around them.
6. El sí-mismo fantaseador puede llenar “arbitrariamente” sus protenciones y anticipaciones vacías con cualquier contenido[...] Puede, si lo prefiere, interpretar sus “posibilidades” como dentro de su alcance

Referências

ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, ano III, n. 4, p. 5-26, 1998.

ALVES, G A. Narrativas de si: reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica como abordagem de investigação e formação docente. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO, 4., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2015. p. 1-9. Disponível em: https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/416/NARRATIVAS%20DE%20SI_%20REFLEX%c3%95ES%20TE%c3%93RICO%20METODOL%c3%93GICAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 set. 2020.

BAUDELAIRE, C. **Les Fleurs du Mal**. Édité par Cyberpoete.fr, 2011. Disponível em http://cyberpoete.fr/lyres/telecharg/baudelaire/Baudelaire_les_fleurs_du_mal.pdf. Acesso em: 27 set. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. 2. ed. Oeiras: Celta, 1999.

PESSOA, F. **Fernando Pessoa**. 2018. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

FERRARI, A. T. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

GREEK LEGENDS AND MYTHS. **The Goddess Mnemosyne in Greek Mythology**. Disponível em: <https://www.greeklegendsandmyths.com/mnemosyne.html>. Acesso em: 24 set. 2018.

HARDY, G. **La Géographie Psychologique**. 2^{ème} édition. Paris: Gallimard, 1939.

JONES, O. Geography, Memory and Non-Representational Geographies. **Geography Compass**, 5/12, p. 875-888, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1/j.1749-8198.2011.00459.x>. Acesso em: 11 maio 2020.

JONES, O. "Not Promising a Landfall...": An Autotopographical Account of Loss of Place, Memory and Landscape. **Environmental Humanities**, v. 6, n. 1, p. 1-27, May 2015. <https://doi.org/10.1215/22011919-3615880>

LADRIÈRE, J. **Vida social e destinação**. São Paulo: Convívio, 1979.

MARCONI, M. de A, LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**: projetos de pesquisa. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Bs5XgG4ahKXDj87RT-x37gCA9J3dPcAC/view>. Acesso em: 30 set. 18.

SCHUTZ, A. **El problema de la realidad social**. 3. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2015.

SIBILIA, P. A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do 'eu'. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8.. 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: XXX, 2004.

VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEIRA, C. E. Memorial acadêmico para Professor Titular Exercício

de escrita de si: uma trajetória intelectual no âmbito do ensino e da pesquisa em história da educação. **Educar em Revista**, n. 63, p. 291-312, jan./mar. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n63/1984-0411-er-63-00291.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

Carlos Eduardo Santos Maia - Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduação em Bacharelado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-doutorado no ENEC/Sorbonne/Paris IV. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Recebido para publicação em 2 de março de 2021

Aceito para publicação em 28 de abril de 2021

Publicado em 7 de junho de 2021